

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

DANIELE OLINDA BENELI ALVES

O FEMINISMO, A MATERNIDADE E A SOBRECARGA FEMININA

CURITIBA

2022

DANIELE OLINDA BENELI ALVES

O FEMINISMO, A MATERNIDADE E A SOBRECARGA FEMININA

Monografia de Especialização apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2022

TERMO DE APROVAÇÃO

O FEMINISMO, A MATERNIDADE E A SOBRECARGA FEMININA

por

DANIELE OLINDA BENELI ALVES

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 30 de março de 2022.

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima
Orientador

Prof. Dra. Maurini de Souza

Profa. Ms. Eliane Basilio de Oliveira

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

Dedico este trabalho à minha família, que é meu maior laboratório de vida, aos meus filhos por me ensinarem a ser mãe, entenderam e dividiram comigo essa sobrecarga, ao meu marido por compartilhar e me apoiar incondicionalmente nessa longa jornada e principalmente à minha mãe que me trouxe tantos desses questionamentos e tantas outras respostas, viveu e morreu na luta por um mundo melhor para sua filha, neta e tantas outras mulheres.

" Um filho é de fato um turbilhão de aflições"

" Os filhos são assim, às vezes amam com afagos, outras vezes tentam mudá-la totalmente, reinventado você..."

—Acham que sabem mais do que nós

—Às vezes é verdade, porque somam ao que lhes ensinamos aquilo que aprenderam fora de nós, em seu tempo, que é sempre outro, não é mais o nosso."

(Elena Ferrante).

RESUMO

ALVES, Daniele Olinda Beneli. **O feminismo, a maternidade e a sobrecarga feminina**. 23 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

O presente texto tem o objetivo de trazer à luz questões pouco tratadas no universo feminista e da maternidade e dar início a uma possível longa discussão sobre questões viscerais de uma grande parte da população feminina. Busca tratar de como as conquistas feministas, que são de grande importância, que ao mesmo tempo que trouxe vitórias somou mais demandas às vidas de todas as mulheres. Hoje, todas têm acesso a recursos antes proibidos, como estudar, dirigir, salário, ainda desiguais, mas tudo foi somado, nada dividido. O cuidado com o lar, os filhos, doentes e idosos foram somados às obrigações de proporcionar moradia, alimentação e necessidades básicas a todos esses dependentes, aliados ao cuidado de si, pressão estética e a busca por uma carreira brilhante. O trabalho aborda a história do feminismo, mencionando as quatro ondas feministas. Em seguida, parte para a análise de um exemplo da ficção “A filha perdida” de Elena Ferrante, que trata das angústias da maternidade de uma maneira que representa muitas mães, até mesmo aquelas que nem sabem organizar esse sentimento de maneira tão clara, corajosa e dolorosa como Leda, a personagem principal da narrativa. Por último, traz a visão de Katrine Marçal e um ponto de vista de Virgínia Woolf sobre a economia e a mulher. Todos esses temas são intrinsecamente ligados, uma coisa não acontece sem a outra, funciona como uma engrenagem – que pode ser cruel e pesada para as mulheres de todos os períodos da história.

Palavras-chave: Feminismo. Mulheres. Maternidade. Economia.

ABSTRACT

The present text aims to bring to light issues that are little addressed in the feminist and motherhood universe. Initiate a possible long discussion about visceral issues of a large part of the female population, of how feminist achievements, which are of great importance at the same time, added more demands to the lives of all women. Today, they all have access to previously prohibited resources, such as studying, driving, salary, which are still unequal, but everything was added up, nothing divided. Caring for the home, children and the elderly were added to the obligations of providing housing, food and basic needs to all these dependents, combined with self-care, aesthetic pressure and the pursuit of a career. The work addresses the history of feminism, mentioning the four feminist waves. It then goes on to analyze an example of the fiction "The lost daughter" by Elena Ferrante, which deals with the anxieties of motherhood in a way that represents many mothers, even those who do not even know how to organize this feeling in such a clear, courageous way. and painful than Leda, the main character. Finally, it brings the vision of Katrine Marçal and a point of view of Virgínia Woolf on the economy and women. All these themes are intrinsically linked, one thing does not happen without the other, it works like a gear – which can be cruel and heavy for women of all periods of history.

Keywords: Feminism. Women. Maternity. Economy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O FEMINISMO.....	13
2.1 A PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO	14
2.2 A SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO	15
2.3 A TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO.....	16
2.4 A QUARTA ONDA DO FEMINISMO AOS DIAS ATUAIS.....	17
3 A FILHA PERDIDA.....	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

É indiscutível que a literatura é o registro da passagem dos humanos pela terra, mas qual o papel da mulher nessa longa história?

A mulher é a representação física da maternidade. Ao longo do tempo, essa imagem passou por diversas transformações. O que não muda, independentemente do momento histórico que ocorre a maternidade, é que a intensidade de emoções e sentimentos está diretamente relacionada às influências culturais do meio em que a mulher se encontra e também de sua história pessoal e afetiva (BADINTER, 1987).

A obra *A filha perdida*, de Elena Ferrante, trata de um sentimento obscuro que muitas mulheres vivenciam, mas que as condenam, ora por elas mesmas ora pela sociedade, – a não aceitação da maternidade, seja por se depararem com algo não esperado, ou por não se sentirem felizes com toda a nova demanda. “As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender.” É com essa frase simples, mas profunda, que Elena Ferrante prepara seus leitores para encontrar verdades escondidas dentro de cada mãe, inconfessáveis até para si mesmas.

É fato que a luta feminista trouxe inumeráveis benefícios para todas as mulheres: as mães, as que optam pela não maternidade, as que se dizem feministas e àquelas que dizem não precisar do feminismo, mas que sem saber (ou querer saber) usufruem de todas as conquistas e vitórias de mulheres de muitas gerações. Posto isso, é notório que as mães da literatura também sofreram mudanças e ganharam mais espaços e voz. Foi assim que Elena Ferrante, por meio da personagem Leda, deu voz a milhares de mães do mundo real e literário. Permitindo que tais emoções possam ser compartilhadas quase como uma confissão entre mulheres que pensam e sentem a mesma coisa, mas que até então nunca lhes foi permitido trazer isso para o concreto.

Diante desses fatos, é impossível não reconhecer a luta, a coragem e mérito de Virginia Woolf em seu ensaio *Um teto todo seu*. Woolf queria um teto todo seu, uma liberdade financeira, negada as mulheres até os dias de hoje, para que pudesse tanto quanto os homens escrever, produzir e viver de sua literatura.

Atualmente, é inegável que algumas mulheres alcançaram esse espaço tão sonhado por Virgínia, ainda não é o cenário ideal devido ao machismo nosso de

cada dia, mas algumas de nós conseguem um teto todo seu e também viver da sua escrita.

Nada se fala sobre a sobrecarga dessa mulher, seja da literatura, da área da educação, dos negócios, da área da saúde etc., que graças a luta feminista tem o seu teto, sua carreira e seus sonhos conquistados por meio do seu direito ao trabalho, à educação, à liberdade de locomoção – que nos foi tirado por tanto tempo, e que ao mesmo tempo acumula as velhas e desgastadas cobranças sociais sobre sua aparência, peso, cuidados domésticos e principalmente: a maternidade.

Essa cobrança ainda está vivíssima, em todas as esferas sociais. Mulheres mais abastadas financeiramente e que optam por não ter filhos são condenadas por sua escolha; as que não podem ter filhos são consideradas incompletas; as que têm seus filhos, mas não renunciam a suas carreiras são consideradas egoístas, visto que *mãe* tem que ser aquela que abre mão de tudo por seus filhos, totalmente altruísta em nome da felicidade plena dos seus. Sem falar das mães sozinhas, sem apoio do pai desses filhos ou estrutura familiar que lutam para sustentar seus filhos, sem ao menos a chance de pensar em um teto todo seu, entre outros exemplos que serão abordados no artigo.

Trazer esse problema social à luz é imprescindível para a plena continuação da luta feminista e reconhecimento dessas mulheres tão cansadas, escravizadas e muitas vezes infelizes.

A primeira obra analisada é o ensaio chamado *Um teto todo seu*, obra fundamentada em duas palestras de Virginia Woolf nas faculdades de Newham e Girton em 1928. O ensaio é uma análise e uma crítica sobre as condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina, acerca da perspectiva de uma personagem ficcional, possivelmente autobiográfica ou quem sabe até mesmo um heterônimo.

Elena Ferrante em contrapartida traz para discussão o papel da mulher enquanto mãe, figura tão cobrada e engessada pela sociedade. Ferrante traz à tona sentimentos sobre a maternidade e o alívio que sente quando as filhas vão embora que são, mesmo na atualidade, inimagináveis de serem ditos ou vividos por “boas mães”. Elena Ferrante, em seu estilo único e inconfundível, descreve em sua narrativa poderosa, um degrau depois de um teto todo seu na linha do tempo da literatura e do feminismo. A autora escreve e relata o sentimento de muitas mulheres

que, mesmo que ainda de maneira desigual aos homens, tem um teto todo seu, uma independência financeira, direitos conquistados, mas não se sentem livres.

As obras de *O lado invisível da economia*, de Katrine Marçal, e a Dissertação de mestrado *Trança de gente* de Giuliana Arcocha Bergamo da PUC-SP vêm somar com pensamentos que abrem o caminho, e muitas vezes constataam a dura realidade de sobrecarga e falta de reconhecimento que as mulheres ainda enfrentam em diferentes esferas sociais.

A partir da leitura das três obras citadas, é possível produzir uma teia entre elas. Sem dúvida esse é o primeiro movimento para o completo desenvolvimento da metodologia.

Sabemos que Elena Ferrante, escritora italiana, tornou-se febre no universo da literatura, alguns estudiosos debruçam suas pesquisas sobre a chamada “febre Ferrante”, então conhecer mais desse movimento, o que for possível conhecer da autora, visto que ela vive no anonimato, pode ajudar a traçar o perfil dessa mãe angustiada e culpada que aparece em quase todas as suas obras.

Da mesma forma, é de conhecimento geral a grandiosidade e o prestígio de Virginia Woolf, sendo possível também saber mais sobre esse seu possível heterônimo presente na obra em questão, e podermos traçar uma linha do tempo entre a Mary Beton (personagem que é, de certa maneira, o alter ego de Virginia Woolf) e Leda (protagonista da obra de Ferrante) para entender o quando foi evolução/ganho e acúmulo/sobrecarga para a mulher de hoje.

Realizar o cruzamento de todas essas leituras e analisá-las irá nos permitir encontrar uma linha costurada entre todas elas: o feminismo que nos liberta é o mesmo que nos sobrecarrega.

O cruzamento das personagens e obras somadas às leituras complementares, como artigos, outras obras das autoras, outras autoras que registram o percurso do feminismo pela literatura, entre esses: *O mito da beleza*, Naomi Wolf; *Somos todos feministas*, Bell Hooks; *Hibisco roxo*, Chimamanda Ngozi Adichie; poderemos chegar em uma reflexão sobre este tema tão presente na vida de milhares de mulheres, mas ainda velado, possibilitando o acolhimento e o sentimento de pertença a muitas delas. Aflorar tal discussão contribui para o reconhecimento e aceitação do problema, a cada tabu sobre a maternidade

encantada que se desfaz, uma mulher real pode sentir liberdade em fazer escolhas e sentir emoções que sempre lhes foram negadas.

2 O FEMINISMO

Para que a discussão fique mais clara, contextualizar o nascimento e as ondas do feminismo se torna fundamental. Entender como esse processo ocorreu no passado e ocorre hoje é crucial, assim pode-se observar em ordem cronológica de onde viemos, onde estamos e onde podemos chegar.

O termo feminismo ganhou destaque nos anos de 1890, o que não significa que as mulheres de todos os lugares do mundo não notassem antes dessa data a desigualdade existente e já se questionavam sobre tais injustiças.

Nos anos 1700, as mulheres eram consideradas inferiores. Esse pensamento era naturalizado cultural e socialmente. Em 1700, Marry Astell publicou *Some reflections upon marriage*, livro em que criticava o fato de mulheres ainda muito jovens serem forçadas, pela família ou mesmo pela sociedade, a se casar. A filósofa era muito religiosa e defendia que a mulher só poderia servir a Deus se evoluísse intelectualmente, isso ia de encontro a crença da igreja que determinava que os pais ou maridos as mulheres partindo da ideia que Deus dotou todos da mesma capacidade, “dado que Deus tem concedido às mulheres, igual aos homens, almas inteligentes”, conforme Marry Astell.

Entre 1718 e 1722, no início da liberdade sueca, houve a mudança de governo e o debate sobre questões relacionadas às mulheres, em especial a liberdade, terminou no código civil dando às mulheres alguns direitos de propriedade e ao divórcio em caso de adultério. Um nome de destaque nesse período é o de Sophia Elisabet Brenner, uma aristocrata que escreveu o poema *A defesa justificada* defendendo a igualdade intelectual entre homens e mulheres.

Conforme a tecnologia avançava, mudanças sociais eram percebidas. A indústria cresceu e a classe média emergente arraigava ainda mais os diferentes papéis de homens e mulheres. Ao mesmo tempo, a indústria da impressão teve um *boom* significativo, levando romances, panfletos e informação às mulheres cultas e privilegiadas. Em 1750 surge o primeiro grupo informal, para mulheres intelectuais e alguns homens convidados, elas discutiam literaturas, trocavam ideias e incentivavam umas às outras.

O iluminismo e as revoluções norte-americana e francesa estimularam a expansão do feminismo. Em 1765 forma-se o primeiro grupo político com o objetivo de protestar por direitos. A partir disso, textos feministas começam a surgir como “a declaração dos direitos das mulheres e cidadãs”, de Olympe de Gouges; “reinvidicação dos direitos das mulheres”, de Mary Wollstonecraft; “Jornal feminista para a classe trabalhadora” editorada por Suzane Voilqui; entre outros.

2.1 A PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO

A história registra que em meados de XIX inicia-se o período conhecido como “a primeira onda do feminismo” estendendo-se até o início do séc. XX.

Nesse período mulheres de todos os lugares do mundo refletiam sobre seus direitos e buscavam mudanças relacionadas a eles, como o direito ao voto.

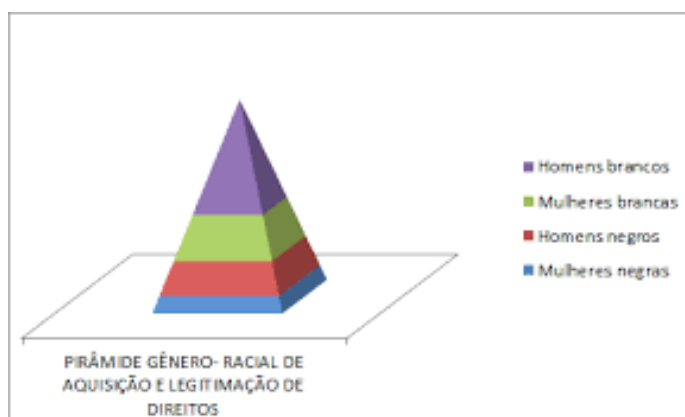
Apesar de objetivos em comum: os direitos das mulheres, o feminismo nunca foi um movimento unificado. Diferentes vertentes políticas produziram diferentes movimentos feministas, em alguns momentos conflitantes.

A primeira onda militou em várias frentes: na Grã-Bretanha, as ativistas Caroline Norton e Barbara Bodichon orquestraram ataques a leis que mantinham as mulheres, principalmente as casadas, em um papel de subordinação. Seus esforços resultaram no Ato das Causas Matrimoniais de 1857, que forçou os homens a provarem adultério da esposa no tribunal e permitiu às mulheres denunciarem os maridos por crueldade ou abandono, seguido por dois atos de propriedade de mulheres casadas.

Diante desse cenário, mulheres de todo mundo sentiram se capazes de desafiar as condições sociais impostas a elas. No Reino Unido, feministas lutavam pelo acesso às universidades e a trabalho remunerado; Na Rússia, influenciadas por textos de Karl Marx, feministas socialistas entendiam a opressão que as sufocavam como uma questão de classe, e justificavam com o papel de subordinação e ócio forçado que o capitalismo colocava as mulheres. Concomitante a isso, mulheres da classe trabalhadora desenvolveram sindicatos exclusivamente femininos, para defender o seu direito a continuar nas indústrias, já que sindicatos masculinos viam o trabalho feminino como uma ameaça, ao mesmo tempo que se sentiam desprotegidas e desamparadas nas suas atividades domésticas, que se somavam

ao dever de auxiliar financeiramente à família. Aqui, já notamos um grande sinal da sobrecarga surgindo.

Não é possível falar de movimento feminista sem tratar da questão de raça. Se analisarmos a figura abaixo fica óbvio o lugar que a mulher negra ocupa na sociedade, e sempre foi assim:



Referência: "GÊNERO E RACISMO: "CANSEI DE VER MINHA GENTE NAS ESTATÍSTICAS, DAS MÃES SOLTEIRAS, DETENTAS, DIARISTAS"

Feministas negras sofriam duas vezes: por serem mulheres e por serem negras. O racismo sempre puniu mais essas mulheres, que por causas abolicionistas se uniram as mulheres brancas, e logo depois se distanciaram quando sufrágio feminista perdeu lugar para o direito ao voto de homens negros.

2.2 A SEGUNDA ONDA DO FEMINISMO

O auge do feminismo radical ocorreu na década de 60 e se estendeu até a década de 80. Já influenciadas pela obra de Simone de Beauvoir "O segundo sexo", mulheres questionavam e lutavam por papéis iguais na sociedade, nos âmbitos religiosos, de poder e sobre sua própria sexualidade, nesse último quesito, apoiadas por uma grande conquista: disponibilização da pílula contraceptiva oral, que ocorreu em um primeiro momento nos EUA em 1960.

Beauvoir as convenceu de que "não se nasce mulher, mas torna-se", que ser mulher era uma construção social e não apenas um fator biológico. Logo, a sua biologia não devia determinar quem elas eram ou poderiam tornar-se.

Nesse mesmo período, ocorria a guerra do Vietnã, onde vários movimentos de ativismo político e dos direitos civis efervesciam, o que levou as mulheres

encararem essa fase de maneira bastante militante, e ficou conhecida como “Movimento de libertação das mulheres”.

É importante pensarmos que algumas dessas mulheres dedicaram-se exclusivamente ao movimento, porém muitas, por mais que pensassem como as ativistas, ainda estavam no núcleo familiar, acumulando mais e mais tarefas, tendo que se dividir cada vez mais em muitas. Esse núcleo familiar foi considerado pelas feministas do período como um dos responsáveis em preservar o domínio do patriarcado.

Essa segunda onda reforçou as lutas antigas por direitos salariais iguais, que resultou em muitas greves; lutou por liberdade sexual; e iniciou uma campanha por remuneração de trabalhos domésticos.

2.3 A TERCEIRA ONDA DO FEMINISMO

Nesse terceiro momento, um cenário político mais direcionado a direita tende a atrapalhar os movimentos ativistas de qualquer ordem. Porém, algumas mulheres continuam firmes em suas lutas, com alguns novos questionamentos sobre o próprio movimento. Em 1981, Angela Davis publica “Mulheres, raça e classe”, fazendo com que muitas feministas negras questionassem como o feminismo branco ignorou as diferenças gritantes que a raça trazia.

Alice Walker sugeriu que as mulheres negras usassem o termo “mulherista” para descrever uma mulher negra feminista, já que se questionava que a principal corrente apenas privilegiava mulheres brancas, enquanto outras classes como as negras, as dos movimentos anticolonialistas e indígenas não eram beneficiadas.

O primeiro grupo que luta contra o sexismo e o racismo no mundo da arte nasce em Nova York.

Nesse mesmo cenário, surgem questionamentos sobre a heterossexualidade, que poderia ser mais uma ferramenta usada pelo patriarcado de controle das mulheres. Na terceira onda é possível ver grupos lutando contra armas nucleares; encontramos feministas sexo-positivas; diálogos sobre as mulheres do terceiro mundo; direitos das mulheres muçulmanas.

Foi um período de grande evolução do feminismo. Enquanto muitas de nossas mulheres iam às ruas em busca de direitos iguais, muitas outras cuidavam

das suas casas e de suas crianças. E muito silenciosamente, questionavam suas responsabilidades exclusivas sobre tarefas domésticas e filhos.

Nos anos 90, Naomi Wolf escreve “O mito da beleza”, o livro aborda inúmeras questões sobre as diferenças e injustiças que sofrem as mulheres, entre elas a que mais chama atenção é de como, após algumas conquistas femininas, a sociedade cria outro padrão para oprimir as mulheres: o da beleza.

A sociedade impõe mais uma demanda às mulheres, mais uma carga que faz delas reféns de estereótipos e padrões. Naomi dizia “não precisamos transformar os nossos corpos, precisamos transformar as regras”. Muitas antifeministas acreditavam que não era mais necessário lutar pela igualdade, mas o que Wolf trazia à tona era que a luta não havia acabado, mas mudado de forma.

A escritora feminista Rebecca Walker, depois de sofrer com a misoginia, produziu um artigo declarando apoio ao novo feminismo “a terceira onda”. Essa nova onda, além de envolver uma onda punk, tratou de questões de gênero e identidade.

2.4 A QUARTA ONDA DO FEMINISMO AOS DIAS ATUAIS.

Essa recente onda, surge por volta de 2012. Mulheres jovens já colhiam frutos das ondas anteriores, muitos direitos lhes foram concedidos: Votar, comprar propriedades, divorciar-se; alguns padrões de comportamento também haviam sido superados, como o direito de usar calças, dirigir, entre tantos outros. Porém, aquela igualdade de direitos tão almejada desde o início não havia chegado.

Os blogs e redes sociais foram grandes aliados nesse novo movimento. Rapidamente as ideias foram curtidas e compartilhadas; projetos e fóruns foram organizados e essa nova forma de protesto ficou conhecida como “ativismo hashtags” Grande movimentos foram conduzidos através de hashtags como #MeToo e #Time’s Up expondo abusadores de Hollywood e outras áreas da cultura, conhecidas por usarem e abusarem de mulheres por suas belezas, juventudes e corpos.

As mulheres mais experientes começaram a se ocupar de como o feminismo deve ser na atualidade. Ativistas como Chimamanda Ngozi trazem à tona o dever de todos serem feministas, porque essa é uma questão de bom-senso.

Campanhas a favor das vítimas de estupro ganharam visibilidade, elucidando que a roupa, o local ou o comportamento das mulheres não pode transferir a responsabilidade pelo crime à vítima, coisa que parece óbvia, mas, como Chimamanda já havia levantado, é preciso lembrar a sociedade sobre bom-senso.

Termos como feminicídio se tornam mais comum, e a sociedade começa a enxergar quantas mulheres são assassinadas apenas pelo fato de serem mulheres. Enquanto ainda lutam por direitos a salários iguais, vemos algumas organizações de sociedade impedindo suas meninas de estudar, um dos casos mais impactantes e que gerou grande repercussão acontece em 2012, quando a ativista paquistanesa Malala Yousafzai de apenas 15 anos é atingida na cabeça por um tiro por querer frequentar a escola. Apenas em 2018 vemos as mulheres da Arábia Saudita conquistarem o direito de dirigir.

Críticas a quarta onda também surgem. Jessa Crispin, escritora e ativista norte americana, escreve “Why I am not Feminist”. Críticas a falta de um feminismo inclusivo também aparece acusando a grande parte de uma prática preocupada com escolhas individuais e não coletivas; e muito se fala sobre a quarta onda ser digital.

Esse é um grande panorama, um tanto generalista, que nos serve para orientar sobre o percurso das mulheres até onde estamos hoje. Muitos nomes importantes não aparecem aqui, mas a intenção é iluminar o pensamento sobre como a cada conquista, a mulher ganha uma nova carga. Todas as conquistas são extremamente fundamentais, mas todas geraram um custo: Carga no trabalho fora x acúmulo com trabalho doméstico / Direito ao trabalho remunerado x desigualdade salarial / Independência financeira x usar seus recursos para atingir um padrão de beleza / direito de ir e vir e vestir o que quer x medo de violência.

São inúmeros os exemplos que podemos apresentar, mas não podemos nos esquecer que em meio a isso tudo a mulher sempre teve um papel que não mudou, evoluiu ou deixou de existir: o de mãe. É sabido que hoje algumas mulheres optam pela não maternidade, porém mesmo essas, sofrem uma grande pressão da sociedade. E a partir daqui que analisaremos a obra de Elena Ferrante, que trata de maneira visceral o maternar.

3 A FILHA PERDIDA

Sob o pseudônimo de Elena Ferrante, a autora lançou “A filha perdida” em 2006. Com a frase “As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender.” A escritora já nos adianta que verdades sigilosas e quase clandestinas das mulheres estão prestes a serem expostas.

O livro traz a história de Leda, uma professora universitária que experimenta uma sensação de liberdade, após as filhas irem morar com o pai no Canadá, e resolve sair de férias sozinha no litoral sul da Itália, no que parece mais um momento de reencontro de si mesma. Logo nos primeiros dias, Leda se depara com uma família muito barulhenta, com quem ela se identifica, principalmente com uma mãe e sua pequena filha, Nina e Elena, e ali sua jornada de voltar seu olhar para suas dores enquanto mãe e suas culpas começa.

Ao longo da narrativa muitas cenas transportam Leda para sua maternidade passada e faz com que ela sinta novamente o desespero de crescer profissionalmente, intelectualmente e evoluir sexualmente, assim como o feminismo lhe prometia, enquanto tentava, sozinha, dar conta de duas filhas pequenas, casa, marido e todas as outras obrigações delegadas às mulheres.

Uma cena em especial, o clímax da narrativa, quando a pequena Nina desaparece na praia onde estavam de férias, transporta Leda para uma memória angustiante do passado: Certo dia, tentando acalmar a filha para poder escrever um importante artigo, Leda entrega a ela sua própria boneca que ganhou também de sua mãe, mas a filha de Leda faz uma pirraça que a leva a jogar a boneca pela janela numa postura até mesmo infantil e que a colocou novamente na posição de filha. Claramente os sentimentos de ser mãe e ser filha se entrelaçam e a deixam ainda mais confusa, nesse momento, novamente na cena de Nina e Elena, após encontrar a pequena menina, Leda esconde a boneca de Elena, objeto de muito valor para a menina, o que leva a uma grande comoção de todos os personagens e desenvolvimento da trama.

Esses sentimentos todos confusos e entrelaçados mostram como a maternidade é um espiral de emoções. A culpa é um dos mais presentes, que acompanha a maternidade desde a gestação. Leda tem ainda uma culpa maior, visto que em um determinado momento ela não aguenta mais se sentir aprisionada

por todas as funções incumbidas a ela e abandona as filhas com o pai em busca de liberdade e realização. Ela se mostra uma mulher extremamente corajosa, a frente de seu tempo, enfrenta com garra e força, mas mesmo passados tantos anos, as filhas já estarem adultas e desfrutarem de um bom relacionamento, ela ainda se culpa e se julga, assim como a sociedade fez quando decidiu se priorizar.

Há pouco tempo o livro transformou-se em filme do mesmo nome, apesar de usarem linguagens um tanto diferentes as duas obras trazem de maneira bem clara as duras faces da maternidade, desmistificando sentimentos que a grande maioria das mulheres, mães, filhas, professoras, avós, esposas, ativistas, enfim, todas as mulheres sentem, mas não tem coragem ou espaço para revelar. Em uma sociedade que luta há tantos anos pelo direito das mulheres, elas ainda não têm direito de “desromantizar” esse papel de mãe.

Nas duas narrativas, o livro ou filme, o papel da boneca não fica tão exposto. Em alguns momentos o leitor/espectador se pergunta “por que não devolve logo a boneca”, mas a boneca representa mais uma representação do patriarcado, numa sociedade onde as meninas aprendem desde muito pequenas a cuidar de bebês, mesmo que de mentira, esse objeto faz a obra estar sempre girando em torno desse desejo de poder ser a filha, a mãe, a mulher, começar de novo – ter mais uma chance.

É importante também observarmos como o fato de Leda ser uma mulher livre, independente financeiramente, intelectual, viajando de férias sozinha incomodou a todos que ela foi encontrando em sua trajetória. Como a sociedade ainda não está pronta para acolher uma mulher que acessou todos os seus direitos conquistados com muita luta por tantas iguais antes mesmo dela nascer.

E por fim, é no encontro de Leda com Nina, quando elas verbalizam as dores, as angústias, as culpas, inseguranças e também as belezas da maternidade, de uma forma profunda e totalmente honesta é que tantas mulheres se reconhecem. É neste ponto que a sobrecarga feminina é sistematizada em formato de sentimentos. Muito se ganhou com a luta feminista, desde sua primeira onda, ao mesmo tempo que muito se acumulou para todas mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Katrine Marçal, em sua obra *O lado invisível da economia* fazendo uma referência a “mão invisível”, trouxe o debate sobre “quem cozinha o jantar de Adam Smith”, a jornalista mostra como a economia é uma área misógina, e podemos observar esse recorte de diferença de gênero que ela destaca em todas as outras ciências. Adam Smith foi um importante filósofo e economista britânico, que por toda sua vida teve sua mãe nos bastidores fazendo com que sua vida funcionasse como uma engrenagem. Marçal destaca que se Smith tivesse reconhecido o valor de ter suas refeições preparadas por sua mãe ao longo de sua vida, era possível que o papel da mulher pudesse ter começado a mudar desde então. Katrine destaca a fala de Adam em 1776:

“Não é da benevolência do açougueiro, do padeiro, do cervejeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelos próprios interesses”. *O lado Invisível da economia*, cap.1, posição 43.

A crítica da autora é sobre a forma como em suas bases teóricas Smith ignora as mulheres e o seu papel na sociedade. Economia e feminismo sempre caminharam lado a lado, entre as maiores lutas do movimento está a busca por independência financeira a partir da igualdade de remuneração.

Na década de 20, Virginia Woolf já queria um teto todo seu:

“Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” Wolf. P.12.

Essa é uma das frases mais famosas da feminista, jornalista e escritora que produziu essa obra a partir de um pedido para palestrar sobre “As mulheres e a ficção”, mostrando que como em todas as outras áreas as condições de trabalho, valorização e desigualdade sempre foram um grande obstáculo imposto às mulheres.

A passagem da mulher ao longo da história é repleta de exemplos de desigualdade, em que as mulheres para ocupar cargos até então considerados

masculinos tiveram que travar grandes batalhas e acumular funções, “ninguém cozinha seu jantar”.

Desde gerir os filhos, que é uma condição orgânica, até o mais simples cuidado com as crianças, o peso maior da responsabilidade recaí sobre as mulheres. O Cuidado com os idosos e outros dependentes sempre esteve a cargo das mulheres. Não é coincidência que o mercado tem em sua maioria mulheres exercendo funções de educadoras e cuidadoras, fazendo todo o sistema funcionar. Hoje, estão em massa no mercado de trabalho, mas não deixaram de ser responsáveis por todos os cuidados domésticos, somado ao sustento da casa e as despesas dos filhos. A cada conquista, muito merecida, mais sozinhas e sobrecarregadas.

Leda é uma personagem da ficção de Elena Ferrante, mas pode ser e representar todas as mulheres. Leda traz à tona e transforma em palavras as angústias mais secretas, furtivas, clandestinas das mulheres. A personagem desafiou a sociedade, a família, o patriarcado e conquistou sua posição profissional e acadêmica, mas nunca deixou de ser julgada, muitas vezes até por ela mesma, por sua culpa que a permitiu conquistar a liberdade plena.

Em 2022 ainda vemos a dicotomia trabalho-família imposta às mulheres. É notório que algumas mudanças surgem, mas ainda é pouco. São as mulheres que se dividem entre cozinhar, limpar, cuidar das crianças, idosos e necessitados, trabalhar, muitas vezes em empregos informais sem acesso a muitos recursos e ainda dar conta das cobranças da sociedade sobre sua aparência física e emocional.

Enquanto as divisões de tarefas, salários e conquistas não forem iguais, não podemos deixar de levantar a bandeira do feminismo, mas reconhecendo que junto aos feitos já alcançados a demanda aumenta. Além de ganhar, precisamos dividir as responsabilidades, para então termos uma sociedade mais justa e igualitária.

Todas essas mulheres mencionadas aqui e milhares de outras que não foram citadas lutaram muito por seus direitos, e são exemplos de como a soma da luta feminista à maternidade e todas as outras tarefas delegadas a elas, mesmo que de maneira implícita, as tornam sobrecarregadas.

REFERÊNCIAS

MARÇAL, KATRINE; FOLGUEIRA, LAURA. **O lado invisível da economia**: Uma visão feminista. Edição Português. São Paulo: Editora Alaúde; 1ª edição. 2017.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca; 1ª edição. 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira; 3ª edição. 2019.

BERGAMO, Giuliana Arcocha. **Trança de gente**: a construção das protagonistas narradoras Leda e Bel em a filha perdida e Bisa Bia, Bisa Bel. Mestrado em Literatura e crítica literária, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22334>. Acesso em: 28/07/2021.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. **Maternidade e formas de maternagem desde a idade média à atualidade**. PePSIC: portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006. Acesso em: 28/07/2021.

WOFL, Naomi. **O mito da beleza**: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 17ª edição. 2018.

Marcila de Almeida; Ana Paula Augusto da Silva Fernandes; Érica Cibelle de Sousa de Araújo; Jaquicilene Ferreira da Silva Alves; Patrícia Cristina de. **GÊNERO E RACISMO**: “cansei de ver minha gente nas estatísticas, das mães solteiras, detentas, diaristas”
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2018/TRABALHO_EV110_M D1_SA8_ID1818_12082018185304.pdf acesso em: 27/10/21.
